



doi: 10.20396/rfe.v13i3.8665340

## A cruel pedagogia do vírus: quarentena para sobreviver

*Neuza Maria Câmara de Souza*<sup>1</sup>  
*Maria Emanuela Esteves dos Santos*<sup>2</sup>

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A cruel pedagogia do vírus**. São Paulo: Boitempo, 2020.

Lançada em 2020, a presente obra *A cruel pedagogia do vírus*, (32p.) do sociólogo português Santos (1940), Professor Catedrático Aposentado da Universidade de Coimbra/ Portugal é o tema da proposta de resenha. Ele, autor de outras obras, sobre o sul global e sobre a periferia do mundo, tratando de questões de movimentos de direitos humanos e sociais, justiça cognitiva e equidade epistemológica, na presente obra vem tratar da questão do vírus que se instalou no mundo em março de 2020.

A obra é composta por cinco capítulos com um discurso atual e apropriado sobre a crise que o vírus chinês intitulado *COVID-19*, ou corona vírus, trouxe para o mundo. Uma reflexão além de teórica, com viés humanitário e que ressalta as mazelas sociais que existiam nas sociedades mesmo antes da descoberta do vírus e agravadas com a evolução dele. Um texto curto, mas um texto importante, pertinente e potente, com uma discussão inesgotável sobre o momento em que o mundo e o Brasil passam pela pandemia. Essa obra faz parte da coleção *Pandemia Capital*, da Boi

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação (Processos Socioeducativos e Práticas Escolares) pela UFSJ, pós-graduada em Mídias na Educação e Educação Empreendedora, ambas pela UFSJ e Design Virtual pela UNIFEI, graduada em Pedagogia e Filosofia pela UFSJ. Atuei no cargo de Professora Substituta da UFSJ (2003 e 2004) no Departamento de Filosofia e Métodos. Atuei como professora de História no Ensino Fundamental e Médio em Escola Estadual de MG.(2002 a 2009) Atuei como orientadora de TCC em curso de pós-graduação pela UFSJ e UFMS.

<sup>2</sup> Doutora em Filosofia e História da Educação pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP e Université de Rouen - França (2016). Mestre em Filosofia e História da Educação pela Universidade Estadual de Campinas (2010). Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de São João del Rei - UFSJ (2006). Tem experiência na área de Fundamentos da Educação com ênfase em Filosofia da Educação, atuando nos seguintes temas: educação e diversidade; pedagogia e seus aspectos filosóficos e históricos; multiplicidade e novas tecnologias na formação de professores.

Tempo Editorial, responsável por uma série de *e-books* curtos sobre a pandemia e as questões sociais.

Santos, de uma forma simples, traz em seu texto uma antevisão dos fatos, de forma impressionante e presente nos capítulos: I – *Vírus: tudo o que é sólido se desfaz no ar* (p.5-9); II – *A trágica transparência do vírus* (p. 10-14); III – *A sul da quarentena* (p. 15-21); IV – *A intensa pedagogia do vírus: as primeiras lições* (p. 22-28) e V – *O futuro pode começar hoje* (p. 29-32).

No primeiro capítulo (p. 5-09) - *Vírus: tudo o que é sólido se desfaz no ar*, Santos inicia a sua reflexão se referindo acerca dos momentos de crise, e que existe um debate que nas Ciências Sociais, se conhece a verdade quando se está em situação de normalidade ou de crise.

Com o crescimento do Neoliberalismo, praticamente se instalou uma crise que busca legitimar as desigualdades sociais e as catástrofes ecológicas. Ele delimita o capítulo em alguns tópicos tais como:

*A normalidade da exceção*: as sociedades vivem em uma situação de crise desde 1980 devido a extensão do Neoliberalismo. A crise se explica muitos contextos de desigualdades. A crise não é algo de agora e sim que vem se arrastando, sendo que a ideia de crise permanente se torna um oxímoro (situações e palavras antagônicas) e em épocas passadas era mais fácil ter acesso às políticas públicas com mais simplicidade e igualdade. A crise trouxe à tona que nos últimos 40 anos, ocorreu a escandalosa concentração de riquezas, não levando em conta ações para acabar com a crescente catástrofe do ecossistema e piorando a cada momento.

*A elasticidade do social*: as maneiras de produzir vivências em diversas épocas históricas evidenciaram caminhos para lidar com o *trabalho*, *consumo*, *lazer*, *convivência* (p.6), e com referência a morte, o lidar com estas questões traz a ideia de que as maneiras estão já ratificadas nas pedras da natureza humana. No entanto, no que tange, a crise da pandemia do Covid-19 foi possível pensar em ficar em casa e cuidar da família como de si próprio, abandonando também hábitos de consumo. Como uma crise capitalista e democrática, não se buscou alternativas para a crise de forma que as mesmas entrassem na vida dos indivíduos pela porta da frente, o que acabou

evidenciado que as mesmas assumiram a postura de entrar pela porta do fundo.

*A fragilidade do humano:* a pandemia se refere ao público, no entanto, encontram-se pessoas vitimizadas e arrogantes, que dependendo da posição se sentem privilegiadas, embora a solidariedade era o melhor caminho.

*O fins não justificam os meios:* a pandemia trouxe um lado bom, em que o planeta pode respirar mais limpamente, devido o distanciamento social, fato que já podiam ter políticas para amenizar a poluição atmosférica. A China mesmo com muitos méritos, não possui ações democráticas e então, como foi um país que controlou rapidamente os efeitos pandêmicos, no entanto, talvez as medidas aplicadas em outro país democrático não surtiriam os efeitos desejáveis. O jornal “*The Economist*” mostrava no início de 2020 que as epidemias tendem a ser menos letais em países democráticos devido à livre circulação de informação. Ao lado das democracias cada vez mais vulneráveis aparecem as fakes News e é necessário se pensar mais no social do em ações empreendedoras.

A guerra de que é feita a paz: é relato que a maneira que foi relatada a pandemia, a China, 2ª economia mundial foi demonizar o povo chinês por causa dos maus hábitos alimentares e a falta de higiene dos mercados. Sob uma guerra comercial da China e EUA, a OMS declarou não saber exatamente a origem do vírus. Existe uma guerra sem quartel e com um vencido e um vencedor. E ainda segundo os EUA é necessário neutralizar a presença da China na fabricação de móveis, as telecomunicações de 5ª geração com inteligência artificial, os automóveis elétricos e as energias renováveis.

*A sociologia das ausências:* uma pandemia tão grande provocou comoção mundial, dramatizada, com sombras da visibilidade. Por exemplo os Médicos sem Fronteiras estão sempre a alertar das vulnerabilidades que o vírus trouxe para milhares que vivem na Europa, nas fronteiras do sul, como pouco espaço para as famílias sobreviverem, sem água e sabão para todos e assim é preciso transpor tantas dificuldades.

No capítulo II (p. 10-14) - *A trágica transparência do vírus*, de conteúdo denso e que foi produzida em meados de abril de 2020, trazem o argumento de Santos sobre o que a pandemia do corona vírus deixou evidente: a fragilidade da sociedade que construímos no ocidente assentada em um tripé que ele denomina como unicórnios: capitalismo, patriarcado e colonialismo. Santos assim explica os unicórnios: “é um todo-poderoso feroz e selvagem que, no entanto, tem um ponto fraco, sucumbe à astúcia de quem o souber identificar”. Bem característico do capitalismo, do patriarcado e do colonialismo tão presentes na sociedade atual. Esse tripé foi o esteio e a sustentação da economia ocidental por muitos anos, e o vírus veio como um pedagogo cruel para destruir este tripé. As sociedades que fazem parte deste tripé, inclusive o Brasil, ficaram à mercê desta crueldade e este tripé a vacilar.

*Pedagogia cruel* é a metáfora usada pelo autor a partir da concepção de que o vírus é um inimigo, que o planeta está em meio a uma guerra e o objetivo é vencer o vírus, porém o vírus é parte de cada um, não é uma geração espontânea, o vírus é algo que surgiu no mercado chinês segundo se noticia pela mídia e que se tornou maior a partir do cenário de cada região, riqueza, pobreza, desenvolvimento e atraso econômico.

Apesar de onnipresentes, todos estes seres invisíveis com espaços específicos de acolhimento. O vírus nos corpos, no tempo dos deuses, os mercados como nas bolsas de valores. Se todos estes seres invisíveis continuam ativos, sendo que a vida humana estará em extinção. Existem a uma ordem escatológica contempla vários níveis de *invisibilidade* e de *imprevisibilidade*. Aparecem os atores o deus, o vírus e os mercados são formulações do último reino, sendo mais invisível e imprevisível, o reino da glória celestial ou da perdição infernal.

*A pandemia é uma alegoria*: na pandemia, com o fim do contato social e com o crescimento de suas ondas e complexidades, ela se tornou global e afetando a vida das pessoas desde a pessoal como a profissional, educacional e social. O autor enfatiza que o mundo está em quarentena e este fato ensina a todos à luz da experiência da contaminação, que tem que voltar o olhar mais para a natureza. Tem muitas dimensões e a pedagogia do vírus é um convite

à reflexão e a mudanças, a começar do habitat natural do homem, nas relações capitalistas e nas relações humanas.

A pandemia imposta pelo corona vírus trouxe à tona as desigualdades sociais, no sistema de saúde e até na condição de ficar isolado.

O vírus apresenta algumas metáforas do inimigo visível, primeiro o deus todo poderoso dos monoteísmos, que é invisível, os grandes mercados que se caracterizam por certa invisibilidade, no entanto com um movimento de pessoas com suas fragilidades e assim o local se tornou um *antro* de impurezas que podem ter resultado no vírus. Neste reino, a invisibilidade aparece menos rarefeita, mas é produzida por luzes intensas que projetam sombras densas sobre ele. Assim, este reino é composto por três unicórnios que ao se depararem com donzelas ficam mais dóceis.

As recomendações da Organização Mundial de Saúde para evitar a contaminação são direcionadas às pessoas de classe média em todo o planeta, porque existem muitos grupos fragilizados pela pobreza que não possuem sequer acesso à água, sabão e ainda não podem estar em isolamento social porque fazem parte das classes de serviços essenciais e além dos grupos excluídos das políticas sociais que também representam uma população que não pode seguir as recomendações da O.M.S. Santos reforça, assim, que as recomendações são bem mais direcionadas às classes abastadas do que às carentes.

O medo caótico e a morte foram as marcas do coronavírus. Há um embate infinitamente grande com o deus das religiões do livro e um infinitamente pequeno com o vírus. O vírus, segundo o autor se apresenta invisível, mutativo e como um deus no caso a Santíssima Trindade, que é uno e múltiplo ao contrário deste deus, os mercados se afiguram como onnipresente, real no mundo e representa uma benção para os mercadores e uma maldição para os outros humanos.

*A realidade à solta e a excepcionalidade da exceção:* a pandemia trouxe uma realidade do caos, sem ser aprisionado e é condenado ao fracasso. Se teorizar ou escrever sobre a pandemia é caminhar para o abismo. O autor cita André Gide que afirmou “conceber a sociedade contemporânea e a sua

cultura dominante em modo de mise en abyme”. Nem as ideologias não escapam desse abismo. Com uma geração que nasceu após a Segunda Guerra Mundial, sempre pensando de forma retilínea em tempo normal e em tempos de exceção pensar de forma normal.

O autor cita que no início da crise pandêmica, “Giorgio Agamben insurgiu-se contra o perigo da emergência de um Estado de exceção. O Estado, ao tomar medidas de vigilância e de restrição da mobilidade sob o pretexto de combater a pandemia, adquiriria poderes excessivos que poriam em causa a própria democracia”. Então, esta advertência faz sentido e premonitória em relação a alguns países, por exemplo a Hungria. Mas foi escrito em um momento de pânico entre os povos. A excepcionalidade não permitiu pensar exceção da exceção, tivemos de distinguir no futuro não apenas entre Estado democrático e Estado de exceção, mas também entre Estado de exceção democrático e Estado de exceção anti-democrático.

O segundo exemplo o autor diz respeito a “Slavoj Žižek”, que na mesma altura afirmou que “a pandemia demonstrava que o dito comunismo global era a única solução futura”. A proposta vinha no seguimento das suas teorias em tempos normais, mas era inteiramente descabida em tempo de exceção excepcional. Também Agamben reconsiderou a sua posição. Por muitas razões, tenho defendido que o tempo dos intelectuais de vanguarda acabou. Os intelectuais devem aceitar-se como intelectuais de retaguarda, devem estar atentos às necessidades e às aspirações dos cidadãos comuns e saber partir delas para teorizar. De outro modo, os cidadãos estarão indefesos perante os únicos que sabem falar a sua linguagem e entender as suas inquietações. Em muitos países, esses são os pastores evangélicos conservadores ou os imãs do islamismo radical, apologistas da dominação capitalista, colonialista e patriarcal.

No capítulo III (p.15-21) - *A sul da quarentena*, Santos utiliza a metáfora daqueles que vivem no sul da quarentena, em países de terceiro mundo, que configuram grupos mais atingidos pelo vírus. Como ele denuncia no “tripé”, nestes grupos mais frágeis e excluídos estão:

- mulheres – consideradas as mães do mundo, que cuidam dentro e fora das famílias e dominam as profissões como enfermagem ou assistência social que cuidam de idosos e doentes na linha de frente.

- trabalhadores informais – buscam o seu sustento na informalidade, mas com a pandemia as suas atividades sofrerão quedas bruscas, dados comprovados em alguns países como o Quênia ou Moçambique.

- trabalhadores da rua – há muito tempo estes trabalhadores vivem em quarentena na rua com gente, agora com a pandemia eles serão aqueles que entregarão comida e entregas em domicílio.

- os sem-abrigo ou populações de rua – o autor indaga como será a vida de quem vive na rua na quarentena? Vivem nas ruas, nos túneis, invisíveis a sociedade e visíveis ao vírus. Nos EUA chamam-os tunnel people.

- os moradores nas periferias pobres das cidades, favelas, barrigadas, slums, caniço, etc. O autor se refere aos dados da ONU Habitat, que 1,6 mil milhões de

peças não tem habitação adequada e 25% da população mundial vive em bairros informais sem infraestruturas nem saneamento básico, sem acesso aos serviços públicos, com escassez de água e de eletricidade. Sem água e sabão para higienizar as mãos e seguir os protocolos sanitários. Habitantes de favelas e lugares com violência, como passarão pela quarentena com dignidade?

- os internados em campos de internamento para refugiados, imigrantes indocumentados ou populações deslocadas internamente.

Segundo dados da ONU são cerca de 70 milhões, vivem em permanente em quarentena e o risco de propagação do vírus é fatal. O autor ressalta que: “por exemplo, no Sudão do Sul, onde mais de 1,6 milhão de pessoas estão deslocadas internamente, são necessárias horas, senão dias, para chegar às unidades de saúde, e a principal causa de morte é muitas vezes evitável, causada por doenças para as quais já há remédios: malária e diarreia”

- deficientes - têm sido vítimas de outra forma de dominação, além do capitalismo, do colonialismo e do patriarcado: o capacitismo. Discriminando

assim deficientes, sempre foram invisíveis e incompetentes na sociedade, a pandemia trouxe um lado mais aguçado desta discriminação.

- idosos – uma população numerosa no norte global vivendo em alojamentos e longe das famílias, a pandemia trouxe um perigo maior ainda para esta população.

Mesmo com o isolamento social, estes grupos sentirão os efeitos do vírus não somente na saúde, mas na economia, na sociabilidade e no modo de vida como um todo e o risco de serem vitimados com a morte é alto.

O sul representa mais do que um espaço geográfico e sim *Designa um espaço-tempo político, social e cultural*.

Estar ao sul da quarentena é fazer parte dos grupos que mais sofrem e sofrerão com a quarentena ocasionada pelo corona vírus. Não se sabe até quando a quarentena irá perdurar. Santos tira algumas lições desta situação: como o tempo midiático e político condiciona o modo como a sociedade se apercebe dos riscos aos quais está sendo exposta, as crises agudas e letais trazem ações das autoridades para que sejam implementadas, mas as crises graves de progressão lenta, não há interesse da mídia e da política em resolver, passa-se despercebida, como exemplo as crises que envolvem a natureza e a crise que existe ao sul perpetuam por séculos, nos países do terceiro mundo com grupos vulneráveis. A crise que existe ao sul é a que impacta diretamente a vida das pessoas que vivem a margem da sociedade, marginalizadas, que não possuem lugar de fala na busca por seus direitos sociais.

No capítulo IV *A intensa pedagogia do vírus: as primeiras lições* (p. 22-28) – a intensa pedagogia do vírus: as primeiras lições - Santos irá explicitar quais são as principais lições desta pandemia do corona-vírus. Ele então irá fazer a denúncia do capitalismo e a sua crescente expropriação dos bens da natureza, dilemas que o planeta Terra vem nos últimos tempos enfrentando. Ele também coloca que esta pandemia chama a atenção para outras formas de aniquilação da raça humana, e não somente devido às mortes causadas pelo vírus, mas também por outras formas de morte evidentes em nosso planeta haja vista os abusos capitalistas, como o escravismo, a extrema



miséria e outras doenças. É necessário repensar as formas de vida desenvolvidas na sociedade, com o tripé que só consegue se sustentar a partir de muita violência com o ser humano e a natureza, como exemplo a violência silenciosa, como a morte que o vírus produziu e produz.

Busca-se conhecer um pouco do vírus e o contexto em que ele está potencialmente atuando. E que potenciais conhecimentos decorrem da pandemia do corona vírus, é a indagação na obra, com uma reflexão apropriada para o momento.

O que o vírus ensina é uma lição difícil, cruel, mostrando a normalidade da exceção, que mostra uma crise não somente de vírus e sim da sociedade, do capitalismo e de valores.

O retorno à normalidade, segundo Santos não será de forma normal para todos. O que aconteceu foi um deslocamento entre processo político e o processo civilizatório, que não dialogam entre si, a solução é deslocar a política do mercado e articular entre política e civilidade, buscando soluções para os desequilíbrios.

Quarentena e pandemia são palavras fortes que mudaram as vidas das pessoas nos quatro cantos do mundo. O futuro pode sim começar hoje, dependendo da superação do tripé dos unicórnios, crise dos mercados e valorização do sul da quarentena. Os seres humanos já viveram por muitos anos a quarentena do capitalismo, limitante, dentro dos mercados, dentro do sistema fechado. Somente se libertando haverá paz social, cuidado com a natureza e com o pulmão do mundo.

No capítulo V – *O futuro pode começar hoje* (p. 29-32).

Com o fim da quarentena, com certeza os hábitos não serão os mesmos. A visão do outro no cotidiano através do uso de tecnologia e do trabalho também serão diferentes de antes. Valorizar a família e ter liberdade para sair às ruas sem a ameaça cruel do vírus é o desejo, mas enfim ninguém viverá como vivia antes.

Santos mostrou através da obra a realidade, reflexões pontuais sobre a pandemia e a situação do mundo frente ao vírus e o normal que existia antes não será mais um normal. Sua obra é um anúncio sobre a necessidade de os

seres humanos comecem a ter atenção com a natureza, com a saúde, com o próximo e o trabalho e enfim melhorar a vivência no planeta Terra, a partir da ação de cada um e de todos. Ação que se inicia com a reflexão, possivelmente pela leitura desta obra que faz pensar no planeta terra, nas condições atuais e nas mudanças.

A quem se destina esta obra? A todos que precisam repensar a sua condição de cidadão e participante ativo de uma sociedade: professores de todas as áreas do conhecimento, militantes dos Direitos Humanos, profissionais da área da saúde, enfim, todos que conseguem perceber o eu não somente na sociedade, no capitalismo, mas na natureza, ao se relacionarem com o próximo e com a própria vida e que não se conformam com a situação atual e vão à luta por transformação.

#### Referências

SANTOS, Boaventura de Sousa. A cruel pedagogia do vírus. São Paulo: Boitempo, 2020.

*Submetido em: 19/04/2021*

*Aceito em: 30/11/2021*

*Publicado em: 12/01/2022*